

# Obama, a Presidência e os Neoconservadores: Realismo, Segurança e o Repensar da Nova Grande Estratégia

## *Obama, The Presidency and the Neoconservatives: Realism, Security and the rethinking of the New Grand Strategy*

CRISTINA SOREANU PECEQUILO\*  
GLAUCO FERNANDO NUMATA BATISTA\*\*

Meridiano 47 n. 109, ago. 2009 [p. 29 a 32]

Assim como outros presidentes norte-americanos que o antecederam, Barack Obama vem enfrentando neste mês de Agosto a realidade concreta de estar à frente da Casa Branca em um momento de crise, observando a queda dos seus índices de popularidade. Ainda que tenha sobrevivido à trégua dos primeiros 100 dias sem alterações significativas neste apoio popular, a sequência da administração democrata e ausência de sinais claros de recuperação econômica associados a uma certa lentidão na aprovação das reformas domésticas tem trazido custos à imagem do Presidente. Natural devido ao peso do cargo, este relativo desencanto da opinião pública é, contudo, exacerbado pelas pressões contínuas dos neoconservadores, em particular no campo da segurança.

Tradicionalmente, a equipe e o presidente anterior, assim como a mídia e os grupos de interesse a eles relacionados tendem a respeitar a entrada de um novo governo ao poder, mantendo suas críticas em padrões respeitosos pelo menos no primeiro ano de mandato. Posteriormente, no segundo ano, também ligado ao fato da realização das eleições de meio de mandato que podem no biênio seguinte definir a futura corrida presidencial, que, no caso, correspondem a 2010 e 2012, estas críticas tornam-se mais ofensivas, justamente visando o embate nas urnas. Obama, entretanto, não tem tido o benefício

deste distanciamento, e alguns membros da antiga Casa Branca como Dick Cheney, assim como analistas conservadores, não só mantiveram como ampliaram seus ataques às políticas interna e externa do presidente. Desde Maio, o foco tem sido na dimensão da segurança internacional, com os neoconservadores no contra-ataque diante das ações diplomáticas da presidência. Adicionalmente, estas posturas são acompanhadas pela descoberta periódica de novos escândalos republicanos nesta área de defesa e dos direitos humanos, que, atualmente, precisam ser administrados por Obama.

Desde este período tem sido recorrentes enfrentamentos entre democratas e republicanos no campo da segurança e sobre as visões realistas de poder no sistema dos setores moderados (democrata e republicano) e os neocons. Na raiz inicial destes choques, os discursos de Barack Obama e do ex-Vice-Presidente Dick Cheney no dia 21 de Maio, nos quais acusações abertas e veladas são trocadas no que se refere à performance mútua em busca da preservação e realização do interesse nacional norte-americano, seus valores e proteção de suas fronteiras.

Enquanto Obama (OBAMA, 2009) reafirmou sua preocupação em unir estes valores e proteção em uma agenda abrangente que respeite a integridade da democracia do país, superando abusos prévios

\* Professora de Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista – UNESP (Campus Marília), e Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (crispece@gmail.com).

\*\* Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Estadual Paulista – UNESP (Campus Marília) e Bolsista PIBIC/CNPq (glaucofernando@terra.com.br).

e violações, sustentando que “os princípios norte-americanos são nosso mais importante patrimônio de segurança nacional”, Cheney contra-atacou indicando que os valores norte-americanos não são contraditórios a posturas fortes e decisivas dos EUA contra seus inimigos. Nas entrelinhas, o republicano respondia às acusações frequentes democratas de violação de direitos humanos em nome ao combate ao terror (Ato Patriota, tortura, Guantanamo e Abu Graib sendo alguns exemplos de situações nas quais, segundo os democratas, o medo colocara em risco o regime republicano norte-americano em sua essência) e estabelecia uma linha entre o que considera democracias (EUA) e não-democracias (os inimigos dos EUA), reafirmando os princípios da Doutrina Bush. Mais ainda, Cheney apresentou o governo como apaziguador dos Estados Bandidos e grupos fundamentalistas em geral.

Como exemplo de que Cheney estaria certo e os democratas errados, o que tem gerado a chamada “posição de fraqueza democrata”, os neocons citam as crises no Irã e Coreia do Norte, relativas à proliferação nuclear, a retirada das tropas do Iraque em uma situação de instabilidade, o que identificam como inação no Paquistão e Afeganistão e o recuo da guerra contra o terrorismo. Nos episódios mais recentes deste embate, os neocons questionaram a aproximação com Cuba e Venezuela e as concessões a ditadores como o norte-coreano, devido à viagem de Clinton ao país, sua foto com Kim Il Jong II e a libertação das reféns americanas. Ações de Obama como a instalação de bases militares na Colômbia contra o narcotráfico, a preservação dos planos de OTAN e de instalação do escudo anti-mísseis na Europa Oriental são vistas como menores e insuficientes. Em termos gerais, defende-se não só a continuidade como o aprofundamento da NSS-2002. Por sua vez, os democratas, até o momento, não apresentaram sua nova NSS, a despeito de discursos relativos ao abandono da agressividade unilateral, a defesa de um mundo multipolar e o uso do “poder inteligente”.

Em retrospecto, na visão dos neoconservadores, a Doutrina Preventiva foi concebida como um avanço do realismo clássico em matéria da grande estratégia americana de política externa. Autores desta linha de

pensamento observaram na Doutrina Preventiva a união do ideal democrático aos interesses nacionais estadunidenses, mesclando instrumentos idealistas e realistas de poder na atuação do país no Sistema Internacional, visando, em última instância, a manutenção da ordem e segurança internacionais.

Deste modo, os neoconservadores consideravam a disseminação da democracia como passo fundamental para que a segurança global e a liberdade americana fossem mantidas, ainda que para isso fosse necessário recorrer ao *hard power*, através da lógica da prevenção e preempção prescrita pela Doutrina Bush. Este padrão de atuação internacional, denominado por Krauthammer (2004) como realismo democrático, apontava então que a democracia deveria ser levada somente a regiões prioritárias ao interesse norte-americano, e não necessariamente a todas.

De acordo com Krauthammer (2004), o mundo árabe-islâmico deveria ter prioridade na agenda de política externa, abrangendo a faixa dos países localizados no norte da África até o Afeganistão. Ele propõe então uma disseminação seletiva do ideal democrático, vendo-o como instrumento eficaz para que os Estados Unidos alcancem seus interesses e mantenham sua posição hegemônica. Aqueles países que então representam ameaças aos ideais norte-americanos e tenham condições de suprir organizações terroristas ou mesmo efetuar ataques diretos deveriam ser observados, e caso não fosse possível a mudança de regime de forma pacífica, ações militares poderiam ser tomadas, ainda que unilaterais e preemptivas, conforme salientava a Doutrina Preventiva.

Fica claro que para os neoconservadores a ênfase na unipolaridade do Sistema era algo colocado como ponto central de suas visões, visto que na sua condição atual de supremacia mundial os Estados Unidos seriam os únicos capazes de manter a estabilidade e segurança global. Nesse sentido, o perfil unilateral da superpotência era algo naturalmente esperado, assegurando à Washington a tão estimada liberdade de atuação que garantiria ao país o papel de mantenedor da estabilidade mundial, dando carta branca para ações preventivas como a guerra no Iraque e menosprezando as decisões de instituições internacionais como a ONU.

Contudo, o que foi realmente observado após a aplicação prática da Doutrina Preventiva foi de fato conseqüências negativas para a política externa americana contemporânea. A estabilidade internacional visada parece estar longe de ser alcançada. Ao contrário, o que se observou durante a Era Bush foram movimentos defensivos anti-hegemônicos, como os programas nucleares iraniano e norte-coreano, o aumento das coalizões de geometria variável (G-20, ALBA, Unasul, Organização de Cooperação de Xangai), além da expansão de ações unilaterais semelhantes à Operação Liberdade no Iraque (Rússia no Cáucaso, Israel contra os palestinos). Ou seja, muitos dos fatores de instabilidade que o antigo governo aponta como fruto das iniciativas de Obama remetem a reações às prioridades de W. Bush, não sendo inéditos.

Desta forma, se faz necessário analisar em que pontos o projeto neoconservador de expansão hegemônica (ou imperial, para os mais críticos) sintetizado na Doutrina Preventiva, se mostrava contraditório em suas proposições e visão distorcida da atuação americana frente à dinâmica atual das relações internacionais. Christopher Layne (2007) aponta para a necessidade do retorno a um padrão de auto-restrição estratégica na política externa americana, conforme já buscado em períodos anteriores, a fim de se evitar o envolvimento em conflitos desnecessários, como o do Iraque atualmente, nos quais os recursos de poder americanos são utilizados de forma inconseqüente.

Já John Mearsheimer (2005) mostra a desconexão existente na análise neoconservadora entre a expansão da democracia e o uso da força militar, que para o autor de fato não é o meio mais adequado para a implantação deste tipo de sistema de governo em uma nação como o Iraque, ou em qualquer outro Estado do Sistema Internacional. Para o autor, os estrategistas de George W. Bush menosprezaram a capacidade de resistência iraquiana, assim como a insurgência que naturalmente ocorreria com a ocupação do país por uma força estrangeira.

Adicionalmente, na análise de Robert Jervis (2006), a visão neoconservadora se mostrava ineficaz ao transformar o Sistema Internacional atual em uma versão contemporânea do dilema da segurança de

Hobbes, no qual os Estados Unidos parecem não se sentir seguros até que todo sistema seja transformado à sua "imagem e semelhança", algo na prática inconcebível frente aos atuais recursos de poder do país e dos outros Estados.

Por fim, podemos ainda adicionar as próprias considerações de Hans Morgenthau para uma análise crítica acerca da Doutrina Preventiva e da base neoconservadora que a sustentava. O autor, tão estimado para a análise da política externa americana em tempos passados, já colocava em sua época a impossibilidade em se equiparar ideais nacionais estadunidenses a ideais universais, notando a complexidade das forças que envolvem as relações internacionais. Segundo Morgenthau (2003), a tradição da política externa americana residiria em mostrar ao mundo o exemplo de êxito de seus ideais a partir de uma postura pacífica, e não buscando a exportação destes ideais "a ferro e fogo", conforme defendido pela Doutrina Preventiva.

Seja na teoria, como na prática, ficam visíveis os erros táticos presentes na concepção de ação internacional concebida pelos neoconservadores durante a Era Bush, que contrariaram mesmo certos princípios tradicionais da política externa estadunidense. Pela análise dos autores aqui analisados, e de muitos outros especialistas na área, de fato a lógica do realismo democrático se mostrou contraproducente para atingir seus fins almejados, mostrando as conseqüências quando uma doutrina de cunho ideológico se depara com a realidade do sistema contemporâneo de relações internacionais.

Frente a este realidade, a expectativa global, e dos setores moderados, era que Barack Obama, ao lado da equipe do Departamento de Estado e do Conselho de Segurança Nacional, de imediato revisasse a NSS ao chegar à Casa Branca. A elaboração deste novo documento, porém, ainda não ocorreu, a despeito dos esforços da Presidência em restaurar a credibilidade e a legitimidade da liderança dos EUA, o que sustenta ainda uma aura de desconfiança. A ofensiva diplomática de Obama é sempre vista como positiva, com propostas de renovação histórica, mas ao mesmo tempo, ainda tem dificuldades em passar à renovação concreta e pragmática em consonância

com as demandas das demais potências como China, Índia, Brasil, os países da União Europeia e da África. Neste espaço, os neocons surgem com suas críticas e, por vezes, parecem mais na ofensiva do que o próprio Obama, demonstrando as correntes dificuldades norte-americanas em rever seus rumos globais e, principalmente, restaurar sua unidade interna e consenso doméstico em meio a polarizações ideológicas que persistem.

## Referências

KRAUTHAMMER, Charles. In defense of democratic realism. *The National Interest*, n. 77, p.15-25, 2004.

KRAUTHAMMER, Charles. A new type of realism. *The National Interest*, Washington: The Nixon Center, 2003. Disponível em: <<http://www.nationalinterest.org/Article.aspx?id=18200>>. Acesso em: 14 jul. 2008.

JERVIS, Robert. The remaking of a unipolar world. *The Washington Quarterly*, Washington D.C., v. 29, n. 3, p. 7-19, Summer 2006. Disponível em: <[http://www.twq.com/06summer/docs/06summer\\_jervis.pdf](http://www.twq.com/06summer/docs/06summer_jervis.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2008.

LAYNE, Christopher. *The peace of illusions: the american grand strategy from 1940 to the present*. Ithaca N.Y.: Cornell University Press, 2007.

MEARSHEIMER, John. Hans Morgenthau and the Iraq war: realism versus neo-conservatism. *Open Democracy*, May 19 2005. Disponível em: <<http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/A0037.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2008.

MORGENTHAU, Hans J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Brasília: Edunb, IPRI; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

Recebido em 07/08/2009

Aprovado em 10/08/2009

**Resumo:** O objetivo do artigo é examinar os desafios à segurança dos EUA dos neocons a Obama por meio da teoria realista.

**Abstract:** The aim of the article is to examine USA security challenges from the neocons to Obama regarding the realist theory.

**Palavras-chave:** Realismo; Obama; Neoconservadourismo.

**Key words:** Realism; Obama; Neoconservatism.

